

**RELATO DE EXPERIÊNCIAS
DE PROJETOS E TRABALHOS
SOCIAIS COM POVOS INDÍGENAS
DA REGIÃO NOROESTE DO
ESTADO DO PARANÁ**

Cauê Taiguara

cauetaiguarapataxo@gmail.com

Educador Social, instrutor de artes e coordenador de Projetos Sociais. Graduando em Serviço Social pela Universidade Estadual do Paraná.

Meu nome é Cauê Taiguara Pataxó França Silva, sou índio descendente dos índios pataxó do sul da Bahia. Escritor desde os treze anos de idade, tenho um livro com lançamento agendado para Maio de 2019, intitulado “Uma Reflexão Sobre o Sol”. Também sou coordenador de projetos sociais, e artista plástico, com várias exposições de artes já realizadas. Sou da cidade, um índio urbano criado, alternadamente, ora por pai, ora por mãe, também avós e bisavós. Esses últimos, com quem convivi até meus treze anos de idade, são as referências que tive para formação de meus costumes oriundos das tradições indígenas, passando-me esses conteúdos muito mais pelas rotinas do dia-a-dia e oralidade do que por rituais e expedições hierárquicas típicas das aldeias. Aprendi com a vida que, minha *indigialidade*¹ foi algo que se revelou naturalmente dentro de um processo de vida com os familiares, as andanças pelas diversas regiões do Brasil, a convivência com os costumes dos brancos da cidade e, logicamente, o convívio com os *parente*² indígenas das aldeias.

Minhas experiências com trabalhos acerca das questões sociais antecedem minha própria compreensão do assunto, uma vez que, até onde minhas memórias alcançam, sou envolvido com atividades, grupos, e auxílios às pessoas em situação de dificuldades de todos os tipos. A aptidão para realizar trabalhos sociais, sem dúvidas, é em primeiro lugar, parte da minha jornada de vida nesse mundo e nessa existência e, em seguida, por conta da minha própria história de vida que sempre foi de muito sofrimento, passando por várias das dificuldades que uma pessoa em situação de vulnerabilidade social pode descrever; e, por fim, fruto também de uma vida guiada pela espiritualidade oriunda do *Grande Espírito*, e dos *Espíritos Ancestrais Indígenas de Bondade*³.

Atualmente sou coordenador do *Projeto Darueira* e do *Coletivo TUPI – Todos Unidos Pelos Indígenas*. Oficialmente, esses trabalhos desenvolvidos em prol das famílias indígenas somam uma década. Exatamente no ano de 2009 fiz minha apresentação na aldeia sede do Apucarantina, região norte do Paraná, onde de início foi muito difícil os diálogos em razão de ser o primeiro índio oriundo de outro povo indígena a procurá-los. Aspectos como meus cabelos compridos, o uso de penas na cabeça, além da ausência da língua indígena local, foram obstáculos que dificultaram a interação. Outra grande razão existente dentro das aldeias que se opôs a minha aproximação e propostas foi o conflito de interesses vigentes entre integrantes daquele grupo, o que me colocava como uma possível ameaça. Essa ideia era reforçada pelo desconhecimento sobre minha presença, cultura, e principalmente, espiritualidade. Contudo, por entender que minha atuação se tratava de ser uma missão de ordem espiritual superior, o intuito de implementar os projetos em prol das famílias indígenas realmente necessitadas de atenção seguiu seu propósito mesmo diante dessas dificuldades. A espiritualidade ancestral buscou seu próprio caminho, e para minha alegria e paz, os vínculos de confiança começaram a se estabelecer; com a possibilidade desse contato, passei a visitar algumas das aldeias da região com mais frequência.

A prática social junto aos parente indígenas em situação de vulnerabilidade tinha seu início demarcado na história da região norte do Paraná em meados de 2012. Eu dispunha de um veículo modelo *Belina 2* e de cor vermelha. Nesse período, por também ter três filhos pequenos, cursar a universidade, pagar aluguel, e ter como principal fonte de renda a venda do artesanato, recebia consideráveis doações de alimentos e roupas. Assim, comecei a dividir parte dessas doações com os parente indígenas que eram visitados. A ação de receber as doações, e dividi-las deu início ao *Projeto Darueira*, embora no início essas ações não recebessem esse nome.

O nome desse projeto foi inspirado pela espiritualidade ancestral por volta de 2014, momento em que recebi um convite da diretora de uma vila cultural para que participasse de oficinas de cultura indígena desenvolvidas para crianças da rede pública e privada de educação do município de Londrina. A partir da escrita desse projeto nasceu oficialmente o Projeto Darueira. Nesses cinco anos de atuação, as demandas, iniciativas e o envolvimento de várias pessoas em prol das famílias indígenas em situação de vulnerabilidade, suscitou a criação de novas formas de articular o social, culminando em um grupo de trabalho social intitulado como Coletivo TUPI – Todos Unidos Pelos Indígenas. No sentido de caminhar para a conclusão deste relato, farei uma síntese sobre o Projeto Darueira e, na sequência, sobre o Coletivo TUPI.

Darueira em Tupi Guarani significa *no caminho dos guardiões da sabedoria*. Sabedoria para o índio (a) é viver guiado pelo próprio curso natural da vida, o qual chamamos Mãe Terra. É na Mãe Terra onde encontramos o que necessitamos para seguir na jornada da vida designada a todos os seres humanos, cada qual em seu tempo. Os espíritos ancestrais indígenas garantem a um guerreiro da grande jornada a força e sabedoria importante para observar, ouvir, falar, e agir quando necessário. Na prática, ser índio é ser alguém que cuida dos animais não deixando que lhes faltem os alimentos advindos da própria natureza, sejam eles selvagens ou domésticos, os animais devem ser olhados com grande respeito, pois na cultura indígena é com eles que aprendemos e desenvolvemos nossas habilidades para caça, luta e expressões artísticas. Faz parte da prática indígena preservar as florestas, mesmo que sejam pequenas matas, pois compreendemos que é dos benefícios oriundos das matas – árvores frutíferas, peixes, animais terrestres, aves, ar, solo, rios e nascentes – que sobrevivem os seres existentes no planeta.

É o grande alicerce da sabedoria indígena, viver coletivamente e sempre seguir orientações de anciões da comunidade. Os(as) anciãos (ãs) são os (as) que mais já caminharam na jornada, levando-os (as) a uma maior compreensão da importância de todo eco sistema, e o quão relevante é um homem ou uma mulher respeitar seu semelhante.

A continuidade desse modo de vida indígena pertence às crianças, a quem devemos grandes reverências por compreendermos que são não só a continuidade de uma cultura em específico, mas a continuação dos seres humanos no planeta.

O Projeto Darueira, é um projeto popular de iniciativa cidadã, que se organiza em atividades de acompanhamento assistencial e desenvolvimento econômico das famílias indígenas. O projeto acontece nas aldeias, centros urbanos, culturais, de educação e associações comunitárias. As ações do projeto contribuem para a efetivação da Lei 11.645, de 10 de Março de 2008, que prevê e orienta o ensino da cultura indígena nas escolas de todo país. As escolas e colégios têm como contrapartida a arrecadação de alimentos, que posteriormente são encaminhados às aldeias indígenas, centros culturais, e/ou pontos de encontros mais próximos, para distribuição às famílias assistidas. Por essa iniciativa, o projeto contribui também com outra legislação, a Lei n.º 11.346, de 15 de setembro de 2006, proponente do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional/SISAN, que em paralelo as questões técnicas e políticas referentes às suas políticas públicas, preveem o direito humano à alimentação adequada.

Por sua natureza, o projeto também se propõe a fazer valer os artigos 231 e 232 da Constituição Federal de 1988, que trata - além de outras importâncias - os direitos indígenas sobre suas crenças, costumes, e tradições. No projeto, as tradições são apresentadas em palestras e por meio de cantos e danças compreendidas na cultura indígena como sagradas. Nessas apresentações buscamos envolver ativamente os participantes do evento.

Foto 1: Palestra em escola.



Foto: Cauê Taiguara/ arquivo pessoal

Sobre a arrecadação de alimentos, esclarecemos que são destinadas integralmente às famílias em situação de dificuldade econômica no contexto urbano e/ou rural. Toda ação com os alunos, professores, funcionários da escola, e indígenas assistidos é devidamente registrada, documentada, e apresentada como devolutiva a todos os envolvidos nessa iniciativa popular e cidadã.

Desse modo, a principal missão do projeto é a inserção, o compartilhamento de costumes e demais aspectos da cultura indígena e, principalmente, a contribuição na melhora de vida dos indígenas. Busca-se, portanto, a equidade ao oferecer condições para que os indígenas possam ter garantidos seus direitos e o acesso a trabalho, escolarização – formal, técnica e superior -, em pé de igualdade aos não índios. Portanto, pretende-se tornar a convivência entre os indígenas e outras culturas mais harmoniosa e realista do ponto de vista da contemporaneidade.

No que diz respeito ao Coletivo TUPI, trata-se de um trabalho voltado às questões indígenas no contexto urbano do noroeste paranaense. Trabalhamos ancorados sobre um tripé, cujas bases de sustentação fundamentam as ações em atenção às famílias indígenas em situação de vulnerabilidades nas calçadas, semáforos, e todos os espaços dos centros urbanos.

A primeira base de sustentação é sedimentada nos trabalhos realizados por meio da assistência social, caracterizada pelas abordagens iniciais aos indígenas em situação de risco e vulnerabilidade social. Muitas são os indígenas encontrados nos espaços urbanos na prática de mendicância. Por vezes, apresentam também ferimentos ou adoecimentos físicos, fome, sede, frio ou calor excessivos, bem como a exposição real a perigos, ora por conta do alto volume de veículo em trânsito em seus pontos de coleta de moedas, ora pela da criminalidade fluente e crescente contra a população de rua e indígena no contexto das cidades.

Como segunda base de sustentação, damos sequência aos trabalhos de abordagem, atendimento, e acompanhamento, oferecendo os serviços de organização de grupos; pois os indígenas e suas comunidades, em sua própria natureza, dispõem de vários conhecimentos oriundos de suas culturas e tradições capazes de reintegrar os indígenas aos seus núcleos familiares e aos demais grupos das aldeias. Trata-se de uma ação coletiva de empoderamento e suporte coletivo. Nesse sentido, o Coletivo TUPI auxilia as famílias na organização de grupos de trabalhos e geração de renda, como a produção do artesanato, agricultura de subsistência, e nas expressões artística como cantos e danças nativas. O trabalho nessa fase do acompanhamento consiste, além da organização dos grupos, no auxílio para aquisição de matéria-prima e na busca por espaços para a produção e desenvolvimento dos trabalhos, como páginas de internet, eventos em geral, feiras abertas, quiosques, parcerias com lojistas e/ou aquisição das próprias lojas de comercialização.

A terceira base de sustentação é constituída de serviços voltados ao crescimento individual e coletivo dos grupos indígenas por meio de capacitações e formação profissional. Em nossa experiência percebemos indígenas alimentando-se do desejo de aprender e ingressar em uma carreira profissional fora das aldeias ou de se formarem profissionalmente para atuarem na própria aldeia e comunidade de origem. Além de atender a uma demanda de ordem pessoal, mediamos esse desejo individual com as normas e princípios que regem a aldeia, de modo que a indigialidade dessas pessoas não se perca. Não se trata, portanto, de um processo de *desculturalização*, mas de fortalecimento e sobrevivência dos grupos indígenas no mundo atual.

Foto 2: Artesanato indígena como fonte de geração de renda.



Foto: Cauê Taiguara/ arquivo pessoal

Prospectos acerca de nossas ações

O Projeto Darueira, é uma realidade consolidada. Há cinco anos realizamos atividades nos ambientes comunitários, culturais e de educação por meio de convites, e de contrapartida arrecadamos as doações para as famílias cadastradas atendidas pelo projeto. Objetivamos avançar em algumas questões, como a inserção do projeto em editais de financiamento ao desenvolvimento social e de cultura, de forma a ter subsídios próprios para o desenvolvimento das atividades que poderiam custear transporte e alimentação da equipe, por exemplo. Isso se apresenta de vital importância pois nem sempre conseguimos esse auxílio financeiro dos locais que solicitam nossa presença. Em síntese, com essa verba permanente poderíamos ampliar os trabalhos e parcerias.

No que se refere ao Coletivo TUPI, percebemos maior desenvoltura dos trabalhos no ano de 2017, período em que realizamos na cidade de Apucarana, no campus da Universidade Estadual do Paraná, o I Seminário TUPI. Esse evento germina como resposta às indagações e perplexidade produzidas por nossa atuação. Destaca-se a presença de famílias indígenas inteiras em situação de extremas dificuldades sociais e econômicas vivendo em espaços urbanos distantes de suas respectivas terras indígenas. Nesse ponto, o Coletivo TUPI se apresentou a essas famílias como um mediador na **busca de recursos para sobrevivência**. Tomando os últimos dez anos como ponto de referência, observamos que por maior que tenhamos empreendidos esforços para desenvolver ações em favor dessas famílias, a situação de modo geral permanece a mesma; diversas famílias indígenas continuam nos perímetros urbanos vivendo em situação de risco e vulnerabilidade social, descaracterizadas e distantes de seus costumes e culturas.

Para a realização do I Seminário TUPI, foi criado um site para divulgação de todas nossas ações (<https://coletivotupi.wixsite.com/coletivotupi/sobre-nos>). Foi também formada uma equipe organizadora do evento, com reuniões realizadas ao longo de seis meses, e no diálogo com vários setores da sociedade, dentre eles, lideranças indígenas, gestores públicos locais, escritório regional da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), setores da segurança pública, assistência social, saúde, universidades da região norte do Paraná, empresários locais, organizações religiosas, etc. Toda a saga desse primeiro seminário está arquivada nos anais da história em textos, áudio, vídeos, redes-sociais, e e-mails.

O resultado principal desse evento foi a construção de um documento indígena, no qual nossa comunidade pensou diretrizes a serem seguidas para fins de atendimentos as demandas das famílias e comunidades indígenas existentes. Na programação do evento, tivemos danças tradicionais, palestras, apresentação de projetos, estadia para cerca de 100 indígenas representantes de três Terras Indígenas que se fizeram presentes, além de farta alimentação e muita espiritualidade dos ancestrais. Houve sim, muitos obstáculos, e o pior deles, o boicote promovido, sobretudo, pela gestão pública local - que mesmo a contra gosto, tendo participado com um micro ônibus de transporte, e liberado uma escola municipal para receber as famílias - articulou um *debandamento* geral de muitos daqueles que seriam representantes essenciais nas discussões e avanços para as questões em foco. Sobre isso, o evento foi de muita tristeza em razão de tudo que sofremos por conta dos preconceitos e perseguições enquanto povos indígenas.

O boicote em questão ocorreu, principalmente, com as desistências de última hora representantes do poder público, dos quais não citarei nomes, porém, fica aqui o registro. Após o Seminário TUPI, o coletivo segue firme, lutando para a consolidação do grupo que almeja o caminho da formalização através da criação de uma associação com CNPJ e todas as demais formalidades. Continuamos com a arrecadação de alimentos e roupas, cadastramentos das famílias, e a promoção de ações como entrega de alimentos e brinquedos em datas especiais como natal, dia das mães, das crianças. Também fechamos parceria com instituições importantes como os Rotary Club e o SESC. Temos como objetivo maior a consolidação de projetos de geração de trabalho e renda, sendo esses, construídos em parcerias com os anseios dos indígenas atendidos.

Somente as forças maiores (espirituais) sabem até quando e como caminharemos com esses projetos. O que desejamos é dignidade para a comunidade indígena. É isso.

NOTAS

1 - Palavra que criei em meus textos literários.

2 - Faz parte da cultura indígena nomear pessoas de outras aldeias e/ou etnia como parente. A palavra é utilizada no singular para não ser confundida com "parentes", no sentido de familiares.

3 - Grande Espírito é o criador da vida, de tudo que nesse mundo e universo existem. A cultura indígena tradicional acredita na existência do próprio criador em cada elemento da natureza, e nós veneramos cada um desses elementos, por isso, sentimos a presença do grande Espírito em nossa vida, e os desígnios dele para cada ser vivo. Quanto aos espíritos Ancestrais Indígenas de Bondade são nossos antepassados, aqueles que por já terem vivido neste mundo aprenderam e nos ensinam pela espiritualidade, sonhos, intuições, e sinais na natureza.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

Taiguara, Cauê (2019). Relato de Experiência de Projetos e Trabalhos sociais com povos Indígenas da Região Noroeste do Estado do Paraná. **Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia**, v.9 (2), 07-18.

RECEBIDO: 29/01/19.

APROVADO: 30/03/19.